

SÉRGIO GUIMARÃES

APRENDENDO COM A  
PRÓPRIA HISTÓRIA

Paulo  
Freitas

3ª edição



PAZ & TERRA

Rio de Janeiro  
2021

A ELZA, SEMPRE.

E A TODOS OS TRABALHADORES QUE, DA EDITORA À  
GRÁFICA, AJUDARAM A FAZER ESTE LIVRO.

## QUATRO VEZES “Ô PAULO!” PREFACINHO À QUARTA EDIÇÃO

COMO É QUE PODE? O cara já começa com um diminutivo torto? Sem dúvida. É mais fácil e menos pedante que “prefaciozinho” ou o castiço “prefaciozito”. 😊

Há coisas que só se aprende depois de morto. O outro, claro. Explico? Afinal de contas, este livro que você está começando a ler já era o terceiro que fazíamos juntos. E, como o Paulo não chegou a escrever autobiografia, os tais livrinhos iam ficando como fontes para quem quisesse conhecer melhor a história dele. Só muitos anos depois, a partir da morte do Velho, é que obras mais completas passaram a ser criadas, e eu fiquei na ilusão de que já sabia muito sobre ele. Puro engano, e aqui vão umas três mostras disso.

\*\*\*

– Ô Paulo! Como é que a gente passa da consciência ingênua à consciência crítica?

A importância fundamental de Álvaro Vieira Pinto na vida e na obra de Paulo, por exemplo, só me ficou evidente mesmo a partir de dois anos atrás, quando finalmente me pus a ler os dois volumes de *Consciência e realidade nacional*, publicados pelo Ministério da Educação há mais de 60 anos. Já no primeiro, dedicado à consciência ingênua, o pouco valorizado filósofo brasileiro vai esmiuçando os fatores que

dificultam o desenvolvimento do país. Aliás, para ser preciso, ele destaca nada menos que 33 aspectos, entre os quais: o caráter sensitivo e o impressionista, a incoerência lógica, a irascibilidade, a incapacidade de dialogar, o pedantismo, a ausência de compreensão unitária, a incapacidade de atuação ordenada e o moralismo, entre outros, compondo o pensar simplista.

Quer mais? Aí continua Vieira Pinto com a procissão dos entraves que a consciência ingênua tem trazido ao Brasil, ou seja: moralismo, idealização dos dados concretos, apelo à violência, desprezo pela massa, culto do herói salvador, messianismo da revolução, admissão da existência de problema supremo, coisificação das ideias, maledicência e precipitação de julgamento, crença na imutabilidade dos padrões de valor, desprezo pela liberdade, intelectualismo na concepção dos problemas sociais...

Segure o fôlego, porque só parei para poder virar a página 437 na primeira edição desse livro do homem. Na 438, a lista dos tais fatores que caracterizam a nossa histórica consciência ingênua continua firme: o culto ao bom senso, a defesa do progresso moderado, a ignorância do potencial político na atuação internacional, a visão romântica da história, o romantismo na concepção das relações econômicas e políticas... Não terminou ainda não, segure firme: pessimismo, ufanismo, saudosismo, primarismo político, ambiguidade e conciliação de ideias incompatíveis e, finalmente, recusa da atribuição de ingenuidade. Ingênuo, eu? De jeito nenhum, ingênuos são vocês, pode ser? (☺)

Se até agora você não desistiu da leitura dessa lista implacável, um exercício fácil é ir encaixando os inúmeros

acontecimentos atuais da vida nacional numa ou noutra dessas categorias. Pois é, achou que eu ia falar só de Paulo Freire? Pois não, o certo é que o Velho nunca negou ter sido aluno de Vieira Pinto. Ao contrário, aqui mesmo – neste texto reeditado – ele conta, por exemplo, sobre “a felicidade de ter o Álvaro Vieira Pinto por perto, que fez uma leitura crítica dos originais” de seu primeiro livro, *Educação como prática da liberdade*, em 1967.

Em outros livros seus, aliás, como na *Pedagogia do oprimido*, ficam patentes as digitais do mestre Vieira Pinto já nas “Primeiras palavras” – em que Paulo faz uso da necessária “unidade dialética” entre subjetividade e objetividade, em sua crítica aos sectários de direita e esquerda. O fato é que o professor Álvaro se faz presente não apenas ao longo dessa obra-mestra do Velho, de 1968, mas persiste explicitamente até a *Pedagogia da autonomia*, sua última contribuição substantiva, de 1996.

E olha que eu nem toquei ainda no segundo volume de *Consciência e realidade nacional*. Passando só assim de raspão, não há como deixar de lado as categorias fundamentais da chamada consciência crítica. Sorte nossa que desta vez são apenas sete: objetividade, historicidade, racionalidade, totalidade, atividade, liberdade e nacionalidade. Vale a pena olhar por dentro.

Resumindo: para entender melhor a história não só da vida e da obra de Paulo, mas também as mazelas e os desafios da realidade brasileira, é preciso procurar entender como é que funciona a chamada lógica dialética, ou seja, um outro modo de pensar a realidade das coisas, dos fenômenos e da progressiva humanização desse animal

único na natureza. Para isso, diz Vieira Pinto, “temos de ir às formas mais gerais da matéria, às reações inorgânicas do mundo físico; depois, já em plano mais complexo, às formas da matéria viva, nos seres vegetais e minerais, subindo em escala progressiva de complexidade e clareza relativas até a complexa realização na condição existencial do ser humano na esfera da consciência”.<sup>1</sup>

Complicou? Pois é esse cara mesmo que Paulo Freire consultou durante anos, para poder aplicar, no campo da educação, o que Vieira Pinto havia exaustivamente estudado em sua atividade filosófica, dedicada sobretudo à realidade do subdesenvolvimento e à sua superação, a partir da realidade brasileira. Verdade: ao contrário de seu aluno brilhante, que acabou adquirindo fama internacional, o professor-filósofo acabou seus dias quase cego e surdo. Aparente final da história: “morreu esquecido dia 11 de junho de 1987”,<sup>2</sup> no dizer de Gadotti. Será?

\*\*\*

– Ô Paulo! Que história é essa de ir de Genebra ao Vaticano nos fins de semana, que você nunca me contou?

Não foi por falta de perguntar: no segundo volume deste *Aprendendo...*, – depois rebatizado de *Dialogando com a própria história* – bem que eu cutuquei o Velho sobre “sua abordagem cristã” e sua vinculação à Igreja Católica,

---

<sup>1</sup> VIEIRA PINTO, A. *O conceito de tecnologia*, vol. II. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2013, p. 31.

<sup>2</sup> GADOTTI, M. Um filósofo do Terceiro Mundo. In: Roux, J. *Álvaro Vieira Pinto: nacionalismo e Terceiro Mundo*. São Paulo: Cortez Editora, 1990, p. 2.

ao Concílio Vaticano II e “à visão ecumênica da Igreja, a partir de João XIII”. Paulo obviamente não se esquivou a comentar sobre esse tema, confirmando sua convivência com ideais cristãos e “o bem-estar com que eu acredito em Deus”. Aliás, acrescentou, jamais esse bem-estar o levou a negar a ciência, mas o ajudou muito “a criticar e a recusar o cientificismo, essa arrogância, desmoralizada hoje, com que a ciência se pensa esclarecedora de tudo, e não é”.<sup>3</sup>

Já quanto a virtuais encontros com bispos e cardeais em Roma, no entanto, nem uma palavra. Foi preciso esperar meu contato com um grande amigo dele, Clodomir Santos de Moraes, para me inteirar dessa e de várias outras confidências. É só dar uma olhada no capítulo 10 da segunda parte desta nova edição, “A saída é organizar-se”, segmento 19, para se dar conta da relação do Velho com o Vaticano, “não digo clandestina, mas discreta”, nos fins de semana ou feriados, “a chamado do próprio Paulo VI”.

O sociólogo baiano não parou por aí. Ao nos encontrarmos em Porto Velho, para esse diálogo, em 2006, Clodomir já preparava um livro inteiro sobre Paulo. Trata-se do ainda pouco lido *Cenários da libertação – Paulo Freire na prisão, no exílio e na universidade*.<sup>4</sup> Nele, Clodomir revela informações inéditas sobre “a história infernal dos porões da ditadura militar brasileira”; o ambiente de exílio no Chile, com o “excelente nicho de exilados sábios” em que Paulo esteve metido, com destaque para Álvaro Vieira Pinto; “o processo

---

<sup>3</sup> FREIRE, P. e GUIMARÃES, S. A ciência e o bem-estar da fé: “ser padre não, porque não casa”. In: *op. cit.* São Paulo, Paz e Terra, 2011, pp. 96-100.

<sup>4</sup> MORAIS, C. S. Porto Velho: Editora da Universidade Federal de Rondônia (EDUFRO), 2009.

revolucionário nicaraguense bombardeado pelos *contras* com o apoio de Ronald Reagan”; e a chegada ao poder, na Nicarágua, da “Teologia da Libertação”, para mencionar apenas alguns dos temas desvendados por Clodomir.<sup>5</sup>

\*\*\*

– Ô Paulo! Vamos entrar em ação?

Já que estamos na base das confidências, aqui vai outro por menor desconhecido sobre os nossos diálogos. Na época em que a gente começou o trabalho, em 1981, eu tinha acabado de conhecer o psicodrama, não em sua vertente terapêutica, mas na dimensão educativa. Vai daí, quando decidimos gravar em cassetes, sugeri que usássemos o recurso psicodramático da improvisação, o que garantia um caráter mais espontâneo e criativo aos nossos encontros. Nenhum dos dois sabia de antemão qual seria a reação do outro, o que nos permitiu ir fazendo juntos, curiosamente, um extenso discurso comum, ao longo de nossos seis livros dialógicos em dupla.

Outra técnica psicodramática usada volta e meia foi a inversão de papéis. Ao contrário do que pensam alguns a respeito desses diálogos como sendo entrevistas, em que eu só ficava perguntando – de fato, era e continuo sendo muito curioso – e Paulo, apenas respondendo, em vários momentos quem perguntava era ele, colocando coerentemente em prática um dos pilares de sua pedagogia.

Digo de passagem: vinte anos depois da morte do Velho, como parte da tese doutoral que defendi junto à faculdade de psicologia da Universidade de Buenos Aires em 2017,

---

<sup>5</sup> GUIMARÃES, S. Cenário Zero: um guizado de prefácio. In: Moraes, C. S. *op. cit.* 2009, pp. 14-15.



incluí nela um capítulo inédito, “Entre [J. L.] Moreno e Paulo Freire: a filosofia, a terapia e a pedagogia”. Foi um estudo comparativo entre as ideias e contribuições do criador do psicodrama moderno e as do educador brasileiro, mas essa já é outra história.

\*\*\*

– Ô Paulo! Vai se casar com quem?

Ao redigir “Aprendendo com a história do outro” (Nota à 3ª edição), contei o sufoco que foi quando dona Elza morreu, em 24 de outubro de 1986. Na época, ainda tentei reanimar o Velho, mas a depressão estava mesmo braba: “Sérgio, minha relação com Elza tem praticamente a tua idade!”, cortou ele. Foi quando, voltando pra Moçambique – já dentro da Unicef –, pensei apreensivo no caso clássico do velho que vai logo atrás da velha. Engano meu. Quando volto a vê-lo, meses depois, “dou de cara com um Paulo, cheio de luz e garra: – Sérgio, está decidido. Vou me casar!”<sup>6</sup>

Faltou completar:

– *Com quem, Paulo?*

– *Com Nita, claro!*

Foi assim que, na companhia de Ana Maria Araújo Freire, ganhamos praticamente mais dez anos com a sobrevivência do Velho. Pois bem: graças a Vieira Pinto, já sabemos que a história não tem fim, mas por enquanto é só.

Boa leitura crítica!

Sérgio Guimarães

*São Paulo, 13 de julho de 2021.*

---

<sup>6</sup> FREIRE, P. e GUIMARÃES, S. *Aprendendo com a própria história*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, 3ª ed., p. 16.

## APRENDENDO COM A HISTÓRIA DO OUTRO (NOTA À 3ª EDIÇÃO)

POR MAIS ESFORÇO que eu fizesse, não conseguia chamá-la de Elza. Educado a pedir “a bença, mãe!”, “a bença, pai!”, e dizer “como vai a senhora?” às pessoas mais velhas, só me saía mesmo “dona Elza”. Desde que começamos, o Paulo e eu, nossos livrinhos dialogados no apartamento deles na rua Homem de Mello, em São Paulo, ela era presença certa, de dizer pouco e de olhar profundo, ali perto de nós. Quando falava, seu falar nordestino era sempre tiro certo.

Assim foi de 1981 a 1985, quando parimos os dois primeiros volumes do *Sobre educação: diálogos*, e nos metemos neste primeiro *Aprendendo com a própria história*.<sup>1</sup> Tudo ia bem até que apareceu Moçambique e o *Aprendendo* empacou. Explicando: em fins de outubro de 1985 vou a Maputo para uma consultoria de meses com a UNICEF, num projeto fascinante de comunicação social junto ao governo da nova República Popular, e — estimulado pelo próprio Paulo — acabo resolvendo ficar por lá.

Se a memória não me falha, a foto nossa que a editora resolveu pôr aí — na capa da terceira edição foi tirada em maio de 1986, quando voltei a São Paulo para fazer as malas de vez. Fui visitá-los em sua nova casa da rua Valença,

---

<sup>1</sup> Para as edições de 2011, optou-se por trabalhar cada livro de forma independente. Dessa forma, *Sobre educação: diálogos I* tornou-se *Partir da infância: diálogos sobre educação*; e *Sobre educação: diálogos II*, ficou com o título *Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação*. O livro posterior a este *Aprendendo...* tem como título *Dialogando com a própria história*. (N.E.)

aí fechamos a primeira versão do texto, e o Paulo ficou de rever tudo a pente fino.

Quando volto a vê-lo em janeiro de 1987, encontro o Velho profundamente transtornado. Desde a morte de dona Elza, em 24 de outubro de 1986, o Paulo era uma depressão só. Bem que tentei animá-lo. “Sérgio, minha relação com Elza tem praticamente a tua idade!”, respondeu, desautorizando qualquer esforço de reanimação. Aí pensei: “Vai ser o clássico caso do Velho que vai logo depois da Velha.” E o *Aprendendo com a própria história* teve que esperar mais uns meses para sair, ainda em 1987, dedicado “a Elza, sempre”.

Quem retratou bem esses momentos, aliás, foi Mere Abramowicz,<sup>2</sup> que logrou recolher palavras-chave do Paulo sobre esse tempo cinza:

Que incrível a experiência do vazio! Sinto uma presença tão pequena do amanhã, um pedacinho só do amanhã... Como preciso e não sei amaciar a saudade!

É um processo lento e difícil. Eu só saio disso se eu sair. Eu não posso “ser saído”, puxado por alguém! Decidir que eu saio é romper. Decidir é ruptura. Ficar com o morto é a tendência. Ficar com o que está vivo, essa é a decisão!

Dito e feito. Férias seguintes, meses depois, volto à casa da rua Valência, e dou de cara com um Paulo assanhadíssimo, cheio de luz e garra:

— Sérgio, está decidido. Vou me casar!

---

<sup>2</sup> V. seu artigo “Amor e perda em tempos de vida: em dois momentos entrelaçados”. In Moacir Gadotti et alii, *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez-Instituto Paulo Freire: UNESCO, 1996, 768 p.

Aí me dei conta de que, tão importante quanto ir aprendendo com a própria história, era ir aprendendo com a história do outro. E nesse casar de novo, afinal, acabamos ganhando quase dez anos mais, com a extraordinária sobrevida do Paulo, entre 1988 e 1997. Essa, porém, já é uma outra história.

\*\*\*

Não sei se foi obra de Umberto Eco, que tive que ler em tempos universitários, mas o fato é que a ideia de deixar nossos livrinhos em aberto estava ali pelo menos desde o segundo volume do *Sobre educação*.<sup>3</sup> Não queríamos que nossas discussões tombassem em circuito fechado, e desde logo convidamos outros a meterem a sua colher de pau na conversa. Primeiro em forma de anexos como, por exemplo, o “Deixando de lado o relógio”, do físico e professor Márcio d’Olne Campos, e o “Pra Paulo Freire nenhum botar defeito” do sarcástico jornalista Mouzar Benedito.

Falar nisso: para entender melhor a história deste livro que agora se reedita, basta ler um trecho do que escrevi no segundo volume, publicado três anos depois da morte do Paulo. Pode parecer meio longo, mas lhes dá bem o fio da meada:<sup>4</sup>

Nossos contactos continuaram, mas ficou difícil acertar nossas datas. Continuei andando mundo afora no trabalho com o Unicef, e, nas poucas vezes que conseguia vir de férias ao

---

<sup>3</sup> V. nota 1. (N.E.)

<sup>4</sup> V. nota 1. (N.E.) Paulo Freire e Sérgio Guimarães, *Aprendendo com a própria história II*, 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 145-7 [*Dialogando com a própria história*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 153-6].

Brasil, mal conseguíamos nos encontrar, inclusive porque o Velho também não parava.

Ao ritmo em que íamos, precisaríamos de pelo menos mais vinte anos para pôr em prática todos os nossos projetos. Já havíamos feito dois volumes do *Sobre educação: diálogos*,<sup>5</sup> mas faltavam outros dois dessa série. Para esses, havia pelo menos duas hipóteses. A primeira seria a de partirmos para uma discussão de tipo autobiográfico, partindo de 1964. Quanto à segunda, eu havia sugerido que entrássemos num debate concreto sobre os “conteúdos” básicos da educação primária.

Explico: usando a imagem das quatro pernas de uma mesa como as bases dessa formação, eu dizia que a primeira perna seria a área de comunicação e expressão, incluindo língua, artes etc.; a segunda perna englobaria a área lógico-matemática; a terceira, a área de estudos ou ciências sociais; e a quarta, a área das chamadas ciências da natureza.

O terceiro volume do *Sobre educação*, de acordo com essa imagem, seria assim voltado para uma análise mais aprofundada das duas primeiras pernas. O quarto e último volume, por sua vez, abordaria os outros dois pilares. Pretendíamos discutir os principais aspectos do currículo dessas áreas, não apenas com base nas nossas experiências respectivas, mas também convidando especialistas para participar dos diálogos conosco. Passaríamos com isso em revista não apenas algumas práticas pedagógicas, mas iríamos também sugerir pistas para os leitores — sobretudo professores, mas não só — que quisessem refletir e praticar a educação criticamente.

---

<sup>5</sup> V. nota 1. (N.E.)

O Paulo encarava esse projeto com tanta seriedade que vivia adiando o início das nossas conversas. Queria que revíssemos primeiro toda a documentação e as respectivas propostas curriculares do ensino de base no Brasil. Como primeira convidada, já havia sugerido inclusive o nome da professora Ana Maria Saul, a grande especialista brasileira em currículo escolar.

Quanto ao *Aprendendo com a própria história*, não sabíamos ainda quantos volumes seriam.<sup>6</sup> Tudo iria depender de como as nossas conversas evoluíam, mas o terceiro seria com certeza dedicado à África. Começaríamos pela experiência dele, sobretudo na Guiné-Bissau e em São Tomé e Príncipe, mas também em Angola e Moçambique. Ainda que nesses dois últimos países seu envolvimento tivesse sido menor que nos dois primeiros, poderíamos facilmente complementar os diálogos, porque iríamos discutir também a minha experiência profissional tanto em Angola quanto em terra moçambicana.

Diga-se de passagem: o *Aprendendo com a própria história* nasceu enquanto esperávamos que o terceiro e o quarto volumes do *Sobre educação* amadurecessem. Entre as ideias que eu pretendia discutir com o Paulo, no volume dedicado à terceira perna — estudos sociais —, estava a de que a aprendizagem da história seria certamente mais interessante, mais dinâmica e mais efetiva, sobretudo nas primeiras séries do ensino de base, se, ao invés de partirmos de lá para cá, partíssemos daqui para lá. Em miúdos: ao invés de começar a ensinar a uma criança de sete, oito anos, a história a partir do século XVI, com Cabral e companhia, por que não partir da própria história da criança e, progressivamente, estimular a sua

---

<sup>6</sup> V. nota 1. (N.E.)

consciência com relação a tempos (e espaços, integrando-se aí a antiga geografia) cada vez mais abrangentes?

Aí resolvemos pôr a ideia em prática com nós mesmos, procurando cobrir sobretudo aspectos e experiências que ainda não tivessem sido abordados em obras já publicadas. Assim fizemos o primeiro volume, que começamos em 1984, mas acabou sendo publicado só em 1987. Nessa altura, eu já estava trabalhando em Moçambique, e os nossos desencontros começaram.

Deu no que deu:

Recebi a notícia pouco depois da meia-noite de 2 de maio de 1997, em Luanda, Angola, através da RTP — Rádio e Televisão Portuguesa. Choque? Só não terá sido certamente maior que o baque sentido por aqueles que amavam o Velho e viviam perto dele.

O choque da separação: lembrei-me das inúmeras vezes que tive que lidar com essas situações, dentro e fora das salas de aula. Quem não terá sentido aquele nó na garganta, aquele aperto no peito, quando o ano se acaba e as crianças se vão? Ou quando a professora querida foi ter bebê e deixou uma substituta chata no lugar?

Contra a morte não há truques. É sentir a fundo a dor inevitável ao perceber que alguém se vai, para em seguida, mais cedo ou mais tarde, aprender a manha de seguir a vida. Não foi isso que o Velho fez, apesar de quase mortalmente atingido em 1986, quando dona Elza partiu?<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Id., *ibid.*, p. 148.

Passado o susto, mãos à obra: órfão de interlocutor, passei a estender o diálogo a outros participantes nas edições seguintes, e o bolo cresceu. Assim vieram a terceira edição do *Sobre educação II; A África ensinando a gente*; e finalmente, fechando a série de sete (seis pela Paz e Terra) livrinhos com ele, o *Sobre educação: lições de casa*.<sup>8</sup>

Como verão, esta terceira versão traz dois capítulos inéditos: um com o ministro da educação dos tempos de Paulo em Brasília, Paulo de Tarso Santos, apoiado na memória pela mulher, Maria Nilse, e pelo filho Vasco; o outro com um dos grandes velhos amigos de Paulo, companheiro de cadeia, Clodomir Santos de Moraes que, entre outras revelações, nos fala sobre as discretas viagens de Paulo a Roma e suas relações diretas com o Vaticano.

Por ora fico por aqui, antes que corra o risco de passar do ponto. Espero que esta nova edição aporte não só mais luz à nossa própria história, mas sobretudo que, por tabela, convide vocês a fazerem o mesmo em relação às suas. Afinal de contas — tomando carona no que ponderou um de meus escritores brasileiros preferidos, o já maduro Mário de Andrade, ao amigo e poeta Carlos Drummond —, estou seguro de que Paulo também concordaria: talvez não possamos, no fundo, “servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição”.

Boa leitura!

Sérgio Guimarães  
*Tegucigalpa, 27 de janeiro de 2010*

---

<sup>8</sup> V. nota 1. (N.E.)